

A segunda Guerra do Golfo e as relações econômicas internacionais

Roberto Camps Moraes

Professor Titular da UFRGS

Resumo

Este artigo apresenta informações e dados relevantes para uma análise dos eventos que conduziram à recente Guerra do Iraque e dos impactos potenciais da mesma sobre a conjuntura econômica mundial. Além disso, também comenta, narra e analisa o contexto que envolveu o conflito, salientando as dimensões econômicas e políticas nas relações internacionais.

Palavras-chave

Guerra do Iraque; recessões de Bush; economia mundial 2001-02.

Abstract

This article brings up data and information which are relevant for an analysis of the events related to the recent war in Iraq and its potential impacts over the world economy. In addition to that, it makes comments, it narrates and analyses the conflict's background emphasizing the political and economical dimensions in connection with international relations.

**Os originais deste artigo foram recebidos
por esta Editoria em 30.04.03.**

O objetivo do presente artigo é analisar os efeitos potenciais mais prováveis da segunda Guerra do Golfo Pérsico. Para uma delimitação no tempo do conflito armado, o início do mesmo ocorreu no dia 20 de março de 2003, após a

declaração da Ilha dos Açores, no dia 16 de março. Quanto ao término, pode-se considerar o dia 9 de abril, quando a estátua de Saddam Hussein foi derrubada em Bagdá, evento televisionado ao vivo para todo o mundo, como uma data simbólica que se candidata a ser a referência do final, embora alguns choques armados localizados continuassem e, possivelmente, continuem a acontecer esporadicamente.¹ Usando-se essa referência, a Guerra teria durado 21 dias e seria a mais curta em que os EUA se envolveram. A primeira Guerra do Golfo, iniciada em 17 de janeiro de 1991, durou um mês e 10 dias e era a mais curta até então.

Quando analisada no contexto mais geral, a economia dessa guerra, agora que ela foi encerrada, parece um evento menor, principalmente se compararmos alguns dos cenários abaixo esboçados com o que veio a acontecer. Mas a expectativa que a precedeu teve um impacto considerável, especialmente quando somada aos demais fatores que são também considerados neste artigo. Além disso, muita incerteza ainda perdura quanto ao pós-guerra.

O contexto conjuntural da Guerra

Do ponto de vista da economia mundial, essa guerra ocorreu em um momento singularmente dramático e, curiosamente, exibe um paralelismo enganoso com a primeira Guerra do Golfo. Tal como a última, essa guerra envolveu um presidente Bush no terceiro ano do seu mandato contra o mesmo personagem, 12 anos depois. Ambas aconteceram em meio a uma recessão da economia norte-americana. A primeira recessão teve o seu vale em março de 1991, enquanto a mais recente teve um vale no terceiro trimestre de 2001, restando ainda a dúvida se ela produzirá um segundo vale. A exuberante popularidade de George H. Bush durante a Guerra esvaiu-se no ano eleitoral de 1992, com o crescimento da taxa de desemprego ao longo do mesmo, embora a economia já estivesse em recuperação.² O mesmo fenômeno ameaçará George W. Bush em 2004. Mas os anos 90 iniciaram em um clima global de fim da Guerra Fria e

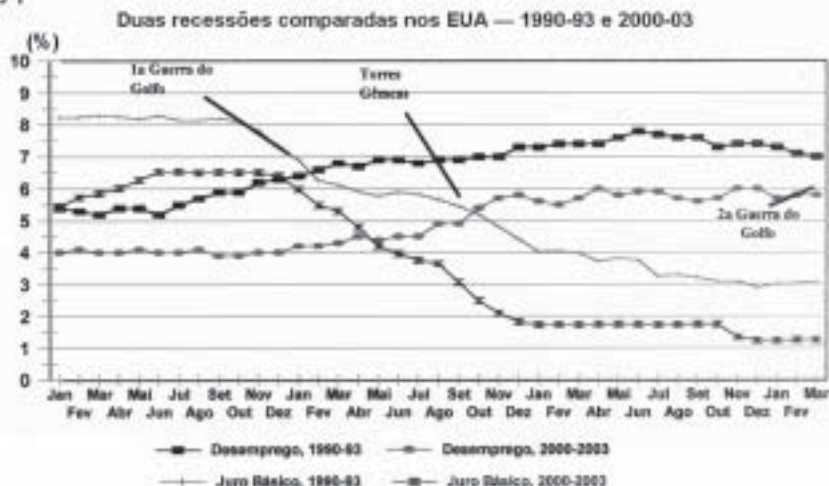
¹ Se quiséssemos ser mais rigorosos quanto à data final da Guerra, poderíamos acrescentar mais uma semana, no máximo, para incluir o cessar-fogo definitivo. Mais problemático é delimitar quando haverá uma situação de segurança completa, o que ainda não existe nem no Afeganistão. Quando este artigo estava sendo escrito, anunciava-se que W. Bush iria fazer uma declaração de final de combate no dia 1º de maio.

² Um fato estilizado do *political business cycle* norte-americano é que, em ano eleitoral, se o desemprego aumenta, o partido que está no governo perde a eleição presidencial.

de choque tecnológico positivo, com a informatização crescente das economias e o *boom* da alta tecnologia nos mercados financeiros e no comércio internacional. Em 2003, a conjuntura mundial exhibe um clima diametralmente oposto. Após o período mais longo de prosperidade ininterrupta da economia norte-americana — de março de 1991 a março de 2001 —, a explosão da “bolha” do mercado de ações, o ataque às torres gêmeas de 11 de setembro de 2001, o escândalo da contabilidade das S/As iniciado com a Enron e a epidemia da pneumonia asiática convergiram numa sucessão de choques negativos, que tornou a recuperação econômica norte-americana, induzida pelos instrumentos fiscais e monetários, uma tarefa extremamente difícil. Além disso, os outros pilares da economia mundial encontram-se ciclicamente sincronizados na baixa. O Japão, particularmente, encontra-se em um estado de estagnação desde 1990, experimentando uma das mais longas deflações da História — desde fevereiro de 1999, as taxas mensais de inflação têm sido negativas, com raras exceções, atingindo uma taxa média de -0,85% ao ano nesses 36 meses. A taxa de desemprego (5,5% em janeiro de 2003) está dramaticamente acima do padrão histórico japonês, abaixo de 3% até 1995. As economias integradas da União Européia exibem taxas crescentes de desemprego e uma forte desaceleração.

O Gráfico 1 mostra uma comparação entre as duas últimas recessões norte-americanas através das taxas de desemprego e de juro básico (*Federal Funds rate*). Os níveis de ambas as taxas são menores no período mais recente, refletindo a pronunciada queda do desemprego e da inflação ao longo da década de 90. Mas o que é mais relevante é o pouco espaço remanescente para o uso de uma política monetária expansionista em 2003, dado que a taxa de juros se encontra perigosamente perto de 0% (1,23% ao ano). A taxa de juros real já se encontra negativa desde outubro de 2002.

Gráfico 1



O Gráfico 2 mostra dados anuais para o défice federal norte-americano como percentual do PIB e a taxa de juro básico em termos reais (Federal Funds descontada a inflação dos preços ao consumidor). Ele mostra o contraste entre o panorama fiscal da década de 80 — desinflação com juro real alto e a expansão fiscal de Reagan — e o da década de 90 — redução do défice promovida por Clinton, o bônus do fim da Guerra Fria que acompanhou a prosperidade prolongada. É interessante notar que as duas administrações republicanas recentes da família Bush reverteram uma trajetória de crescente responsabilidade fiscal, ambas marcadas pelas Guerras do Golfo. Os quatro anos de superávit fiscal obtidos entre 1998 e 2001 foram rapidamente desfeitos por W. Bush com uma combinação de redução de tributos e aumentos de gastos, estes últimos associados à luta contra o terrorismo e às Guerras do Afeganistão e do Iraque. As projeções de déficits para os próximos anos apontam um aumento pronunciado dos mesmos. Esse fato também é relevante para indicar, na área fiscal, o reduzido espaço remanescente para uma política expansionista.

Gráfico 2



FONTE: Federal Reserve Board (FED).
Bureau of Economic analysis (BEA).

Os custos estimados da Guerra³

Antes da Guerra, as projeções sobre os seus custos eram baseadas em cenários alternativos, que variavam conforme a sua duração, o grau de resistência iraquiana, o grau de destruição da infra-estrutura no Iraque, o número de baixas civis e militares, o potencial de um conflito não convencional e o grau de seu transbordamento além do Iraque, o tipo de desfecho e a extensão do período da presença militar norte-americana no pós-guerra, além, naturalmente, do seu impacto sobre a produção e os preços do petróleo. O estudo mais citado é o do Professor William Nordhaus, de Yale, disponível em www.econ.yale.edu/~nordhaus/iraq.html. Uma versão abreviada do mesmo foi publicada no **New York Review of Books** (Nordhaus, 2002).

³ Os custos da segunda Guerra do Golfo obviamente também incluem as mortes e os feridos de ambos os lados. No entanto, nos estudos que serão referidos a seguir, esses custos não estão incluídos, devido às dificuldades de estimá-los. Até o presente, as estimativas mais confiáveis são de menos de 100 baixas no lado anglo-americano. Quanto aos iraquianos, provavelmente pelo menos mais de 3.000 mortos serão computados, o que só saberemos aproximadamente e depois de muito tempo.

Nordhaus (2002) parte de cenários propostos em estudos anteriores ao seu — Cordesman (2002), O'Hanlon (2002), House Budget Committee (2002) e Congressional Budget Office (CBO) (2002) — e que estimaram os custos de deslocamento, instalação e manutenção de tropas baseados nas experiências recentes da primeira Guerra do Golfo, da Bósnia e de Kosovo, dentre outras. Dois cenários básicos foram considerados em House Budget Committee (2002): Vitória Rápida e Conflito Prolongado. No primeiro, haveria a capitulação e a captura dos comandos dirigentes do regime iraquiano, após um período que levaria entre 30 e 60 dias de combates aéreos e terrestres. Não ocorreriam saques e descontrole da população no pós-guerra, que demandaria em torno de dois meses e meio de presença de tropas norte-americanas. No segundo cenário, uma série de eventos poderiam ocorrer, como luta urbana prolongada, efeito negativo nos preços do petróleo, envolvimento de Israel no conflito, ataques terroristas no mundo, uso de armas de destruição em massa, altos custos de assistência humanitária, ocupação militar e preservação da paz e reconstrução nacional e institucional. Tanto os estudos do *staff* do Partido Democrata — House Budget Committee (2002) — como o do CBO — Congressional Budget Office (2002) — estimaram os custos diretos no cenário Vitória Rápida, mas não o fizeram para o cenário alternativo. Nordhaus (2002) estimou para ambos. Esses resultados estão na Tabela 1.

Tabela 1

Estimativas das despesas militares diretas da Guerra do Iraque
segundo os cenários alternativos — 2002

ESTUDOS	VITÓRIA RÁPIDA (US\$ bilhões)	CONFLITO PROLONGADO (US\$ bilhões)	% do PIB
House Budget Committee	48-60	-	0,450-0,566
Congressional Budget Office	44	-	0,415
Nordhaus	50	140	0,470-1,320

FONTE: NORDHAUS, William. The economic consequences of the war. **The New York Review of Books**, [S.l.: s.n], 5 dec. 2002.

NOTA: US\$ de 2002.

Sobre os números da Tabela 1, é preciso dizer que eles apenas incluem as despesas militares diretas. Segundo o Pentágono, até 16 de abril de 2003, já haviam sido gastos US\$ 20 bilhões com toda a operação, estimando que, até setembro deste ano, mais US\$ 10 bilhões seriam gastos. O trabalho de Nordhaus (2002) também estima os custos pós-guerra, que seriam distribuídos ao longo de 10 anos (2003-12), sob os dois cenários alternativos. A discriminação desses custos está na Tabela 2.

Tabela 2

Estimativas da distribuição dos custos do pós-Guerra do Iraque
segundo os cenários alternativos — 2003-12

DISTRIBUIÇÃO DOS CUSTOS	VITÓRIA RÁPIDA (US\$ bilhões)	CONFLITO PROLONGADO (US\$ bilhões)	% DO PIB	
			Vitória Rápida	Conflito Prolongado
Ocupação e manutenção da paz	75	500	0,710	4,720
Reconstrução nacional	25	100	0,230	0,940
Assistência humanitária	1	10	0,009	0,094
Impacto sobre o petróleo	-30	500	-0,280	4,720
Impacto macroeconômico	0	345	0,000	3,250
TOTAL (excluindo despesas militares)	71	1 455	0,670	13,740
TOTAL (incluindo despesas militares)	121	1 595	1,140	15,100

FONTE: NORDHAUS, William. The economic consequences of the war. **The New York Review of Books**, [S.l.: s.n], 5 dec. 2002.

NOTA: US\$ de 2002.

O número negativo representa benefícios advindos da redução do preço do petróleo e da estabilização da sua produção no período. O preço do petróleo bruto (Brent do Mar do Norte), que havia chegado a US\$ 35,00 por barril em 28 de fevereiro de 2003, antes da Guerra, sofreu uma queda acentuada, atingindo US\$ 25,73 por barril em meados de abril, no mercado *spot*, com o mercado futuro apontando para uma queda adicional. Se olharmos para os números das Tabelas 1 e 2 e os cotejarmos com as informações recebidas em abril de 2003, poderemos dizer que, por enquanto, o cenário favorável tem predominado. A duração do conflito armado propriamente dito foi inferior ao limite mais baixo do intervalo de previsão do cenário Vitória Rápida. Os gastos realizados e previstos ficaram abaixo das previsões otimistas também. O impacto sobre os preços do

petróleo tem sido positivo. Os mercados financeiros têm reagido muito positivamente — o índice Dow Jones das *blue chips* exibiu uma média de fechamento em fevereiro, antes da Guerra, de 7.916,18 (7,3% abaixo da média de fechamento de janeiro), passando essa média para 7.977,18 em março e para 8.306,63 até o dia 24 para o mês de abril. Tudo isso, no entanto, pode mudar muito rapidamente para melhor ou para pior, à medida que o tempo passe e que as consequências políticas sobre a região e o mundo se façam sentir.

Segundo Carstens (2002), o Plano Marshall envolveu despesas de US\$ 13,3 bilhões ao longo de quatro anos, equivalendo a 4,5% do PIB de 1950. Em termos de 2002, esse percentual equivaleria a US\$ 476,38 bilhões. Olhando para a Tabela 2, esse número fica muito acima do cenário favorável e muito mais abaixo do cenário desfavorável. É lícito supor que, sob este último cenário a economia norte-americana não estaria disposta a — ou não teria como — suportar esse custo. Em dólares de 2002, o custo total da Guerra do Golfo em 1991 foi de US\$ 80 bilhões (0,75% do PIB), pagos por vários países. O custo total da guerra no Afeganistão, até setembro de 2002, foi de US\$ 13 bilhões, pagos pelos EUA. Nordhaus (2002) é bastante cético quanto à capacidade dos EUA de sustentarem um fluxo de gastos permanente ao longo do tempo de uma ordem de magnitude que seja realisticamente suficiente para a reconstrução do Iraque. Uma das questões pendentes é constituída pelos US\$ 300 bilhões de créditos externos desde 1991 — devidos especialmente à França, à Rússia e à Alemanha — associados a investimentos contratados já realizados e por realizar na recuperação da capacidade produtiva de petróleo. Essa questão foi importante nas diferentes atitudes que os países tiveram tanto nas pressões e contrapressões pelo relaxamento das condições impostas pela ONU desde 1991 como no debate do Conselho de Segurança antes da Guerra. Certamente, ela voltará a estar presente na determinação do papel da ONU na reconstrução do Iraque. De um lado, os EUA e a Grã-Bretanha necessitam parcerias para partilharem os ônus dessa tarefa. Por outro lado, esses dois países, que sofreram os custos econômicos e políticos de uma guerra altamente reprovada no resto do mundo — e cuja reprovação foi mais profunda devido às atitudes dos Governos francês, alemão e russo —, não desejam premiar as economias desses países. Voltaremos a essa questão adiante.

O petróleo e a Guerra

O petróleo sempre está presente quando guerras acontecem no Oriente Médio. Uma das explicações mais frequentes que se encontram sobre as duas Guerras do Golfo é que ambas nada mais são do que uma simples briga pelo

controle do petróleo da região. Certamente, o petróleo é importante, mas muito mais do que isso está envolvido. A Tabela 3 mostra as reservas provadas de petróleo em 2001. Como pode ser observado, o Iraque possui a segunda maior reserva, com 10,7% do total mundial. O Kuwait possui a terceira ou a quarta posição nesse *ranking*, com 9,2%. Quando Saddam Hussein invadiu o Kuwait em 1990, ele passou a, potencialmente, controlar um quinto das reservas mundiais de petróleo. Naquele momento, ele achava que essa conquista seria digerida pelos países ocidentais, pois ele acabara de ser um aliado encoberto desses mesmos países na longa guerra que havia sido recém-encerrada e que ele mesmo iniciara contra a república islâmica do Irã. No seu cálculo, entre uma teocracia ardentemente antiocidental e um regime militar autoritário nacionalista, os países ocidentais optariam por uma acomodação a uma parceria com este último, visando à preservação do abastecimento regular e estável de petróleo.

Se os fatores envolvidos nos conflitos da região fossem redutíveis ao petróleo, o seu cálculo teria sido bem feito. O problema é que o Muro de Berlim havia caído no final de 1989, e o conflito entre árabes e judeus continuava a existir. Sendo assim, apesar das ofertas feitas por Saddam de preservação dos fluxos de petróleo aos países ocidentais, o primeiro Presidente Bush conseguiu formar uma aliança extremamente ampla para desalojar Saddam do Kuwait, em nome de uma “nova ordem mundial” liderada pelos EUA.

Em 1991, o Japão, que encerrava um longo período de alto crescimento e se constituía na estrela econômica mundial, importava 15,2% do petróleo internacionalmente comercializado no mundo, conforme a Tabela 4 mostra, e, desse petróleo, 90% provinham do Oriente Médio. Ainda em 2001, conforme a Tabela 5 mostra, 81,2% continuam vindo do Oriente Médio. Essa dependência do petróleo do Oriente Médio também continua enorme, especialmente na Europa (73,9%) e na Ásia. Dos países norte-americanos, o que mais depende do petróleo árabe são os EUA (24%), enquanto a dependência sul e centro-americana é inferior a 22%.

Devido à importância do Oriente Médio como abastecedor de petróleo mundial — um fato que já havia ficado evidente por ocasião dos dois choques do petróleo da década de 70 — e ao controle que o Iraque passaria a deter, conforme acima mencionado, grande parte dos países consumidores aceitaram a participação direta ou indireta na expulsão de Saddam do Kuwait. Além do mais, os vizinhos árabes, sentindo-se diretamente ameaçados pelo expansionismo iraquiano, também participaram. Novamente, se a questão fosse exclusivamente petróleo, por que os EUA decidiram parar no meio do caminho em 1991, evitando chegar a Bagdá e, em vez disso, estabelecer uma situação de contenção com áreas de exclusão aérea ao sul e ao norte e preservando o regime de

Saddam? Por várias razões estratégicas, diplomáticas e políticas. O fato é que os eventos que se sucederam ao longo dos 12 anos do pós-guerra alteraram radicalmente a situação no Oriente Médio.

Tabela 3

Percentual do total mundial de reservas provadas, produção e consumo de petróleo em países e regiões selecionados — 2001

PAÍSES E REGIÕES	RESERVAS PROVADAS	PRODUÇÃO	CONSUMO
Arábia Saudita	24,9	11,8	1,8
Iraque	10,7	3,3	-
Emirados Árabes	9,3	3,3	0,4
Kwait	9,2	2,9	0,3
Irã	8,5	5,1	1,5
Venezuela	7,4	4,9	0,6
Federação Russa	4,6	9,7	3,5
EUA	2,9	9,8	25,5
Líbia	2,8	1,9	-
México	2,6	4,9	2,4
China	2,3	4,6	6,6
Nigéria	2,3	2,9	-
Total dos 12 com maiores reservas	87,5	65,0	42,6
Japão	-	-	7,0
Alemanha	-	-	3,7
França	-	-	2,7
Grã-Bretanha	0,5	3,3	2,2
Total da Europa (exceção da ex- -URSS e da ex-Iugoslávia)	7,8	9,0	21,7
Argentina	0,3	1,1	0,5
Brasil	0,8	1,9	2,4

FONTE: British Petroleum.

Tabela 4

Percentual dos totais mundiais das exportações e das importações de petróleo — 1991 e 2001

DISCRIMINAÇÃO	1991	2001	CRESCIMENTO (a.a.)
Países e regiões importadoras			
EUA	24,1	26,6	4,1
Europa	31,4	26,3	1,3
Japão	15,2	11,9	0,5
Resto do mundo	29,2	35,2	5,0
Total do mundo (milhares de barris/dia)	32 338	43 754	3,1
Países e regiões exportadoras			
EUA	3,1	2,1	-0,9
Canadá	3,4	4,1	5,0
México	4,5	4,3	2,5
Américas Central e do Sul	6,0	7,2	4,9
Europa	3,9	4,4	4,6
Ex-URSS	5,8	10,7	9,7
Oriente Médio	42,8	43,6	3,3
Norte da África	8,6	6,2	-0,2
África Ocidental	7,7	7,3	2,4
Ásia no Pacífico	7,0	6,6	2,5
Resto do mundo	11,1	3,5	-8,3

FONTE: British Petroleum.

Tabela 5

Matriz de fluxos internacionais de petróleo segundo a origem e o destino — 2001

ORIGEM	DESTINO					
	EUA	Canadá	México	Américas Central e do Sul	Europa	África
EUA	-	11,1	75,6	14,5	1,9	0,4
Canadá	15,3	-	-	0,4	0,1	-
México	12,3	2,3	-	16,9	1,7	0,4
Américas Central e do Sul	22,0	10,6	9,4	-	2,4	1,1
Europa.....	8,1	50,9	1,9	4,1	-	12,8
Ex-URSS	0,7	-	-	13,1	31,8	0,9
Oriente Médio	24,0	12,7	6,9	21,7	30,9	73,9
Norte da África	2,4	6,3	5,0	7,9	17,0	7,0
África Ocidental	11,9	1,8	-	20,8	6,1	2,7
Sul e Leste da África	-	-	-	-	-	-
Australásia	0,4	-	-	-	-	-
China	0,2	-	-	0,5	0,0	-
Japão	0,1	-	-	-	0,0	0,4
Outros países asiáticos do Pacífico	1,6	0,3	1,3	-	0,4	0,5
TOTAL (milhões de toneladas)	573,7	56,8	16,0	54,3	569,9	55,5

ORIGEM	DESTINO					TOTAL (milhões de toneladas)
	Australásia	China	Japão	Outros Países Asiáticos do Pacífico	Resto do Mundo	
EUA	0,9	0,3	0,2	0,9	6,3	43,6
Canadá	-	-	-	0,1	-	88,9
México	-	-	0,4	0,2	1,4	93,6
Américas Central e do Sul	-	0,3	0,2	1,3	-	154,5
Europa.....	-	1,2	0,0	1,2	-	95,3
Ex-URSS	-	6,0	0,3	2,1	16,3	230,1
Oriente Médio	29,8	38,7	81,2	74,9	17,7	946,6
Norte da África	-	0,3	0,2	1,6	22,7	134,2
África Ocidental	-	4,3	0,3	8,7	-	158,3
Sul e Leste da África	-	5,7	0,5	0,2	-	7,3
Australásia	-	1,1	1,5	3,3	-	21,2
China	0,9	-	1,6	2,0	-	14,5
Japão	0,6	1,2	-	0,6	-	4,5
Outros países asiáticos do Pacífico	63,6	30,8	13,3	2,6	5,7	104,8
TOTAL (milhões de toneladas)	30,5	88,3	257,2	423,0	14,1	2 159,3

FONTE: British Petroleum.

NOTA: Percentual por origem.

Os antecedentes da Guerra

No curto prazo, a neutralização da ameaça militar do Iraque na região, em 1991 — o programa nuclear iraquiano foi exposto, o uso de armas químicas contra os curdos foi conhecido, foram estabelecidos regimes de inspeção de armas e de troca de petróleo por alimentos supervisionados pela ONU —, foi seguida de um novo calendário para a paz no Oriente Médio, derivado dos acordos de Oslo. A gradual implementação desse calendário trouxe um período de otimismo na região — o crescimento da renda *per capita* em parte das regiões ocupadas por Israel, Margem Ocidental do rio Jordão e Gaza, atingiu 3,79% ao ano, no período 1991-98, enquanto, em Israel, essa taxa foi 1,98%, inferior à das décadas passadas, conforme Maddison (2001) — e de crescimento econômico. A educação média dos palestinos aumentou muito nesse período.

Infelizmente, vários fenômenos contribuíram para a interrupção desse processo. Em primeiro lugar, o crescimento do terrorismo internacional, impulsionado pela formação de organizações como a Al Qaeda, que passaram a atrair jovens muçulmanos sem perspectivas e frustrados com a presença militar dos EUA nos países árabes como decorrência da primeira Guerra do Golfo, com os eventos da Bósnia, da Chechênia e o estado geral de pobreza e marginalidade de grande parte das comunidades islâmicas no mundo. O estado de anomia que se seguiu à saída dos russos do Afeganistão gerou o controle talibã do País. Fenômenos parecidos aconteceram na Somália e em outros países africanos. Um novo ativismo internacionalizado do fundamentalismo muçulmano cresceu ao longo da década de 90, atingindo os mais de um bilhão de muçulmanos espalhados pelo mundo. Partidos e organizações muçulmanas surgiram e fortaleceram-se em países como França, EUA, Grã-Bretanha e Alemanha. As lideranças muçulmanas locais moderadas sofreram uma crescente competição do elemento radical, sendo, muitas vezes, sobrepujadas por ele.

Um dos elementos unificadores de todos esses movimentos é a causa palestina, invocada por Bin Laden no atentado de 11 de setembro de 2001 e por Saddam na primeira Guerra do Golfo em 1991, ao lançar mísseis Scuds sobre Israel. O lançamento da segunda intifada em setembro de 2000 foi uma decisão que encerrou definitivamente as esperanças de paz remanescentes para a continuidade dos acordos de Oslo. Em Camp David, no final da presidência de Clinton, os palestinos rejeitaram uma proposta que os israelenses e os norte-americanos consideravam irrecusável. A vitória de Sharon nas eleições israelenses reafirmou o fim do clima necessário para a continuidade das negociações.

Enquanto isso tudo acontecia, Saddam havia expulsado os inspetores da ONU em 1998 e continuava a pressionar pelo fim das sanções ao Iraque, contando com a simpatia crescente de alguns países europeus, interessados nos

contratos milionários para a exploração do petróleo. Com uma retórica sempre lembrando a causa palestina, ele passou a indenizar as famílias dos suicidas que praticavam os seus atentados em Israel na segunda intifada. A sua imagem como único governante árabe a enfrentar Israel e os EUA ampliou-se, associada ao crescente antiamericanismo, derivado da intensificação do conflito judeu-árabe e da rivalidade entre a União Européia e os EUA.

Quando o segundo Presidente Bush assumiu em janeiro de 2001, os seus principais assessores de política externa já haviam escolhido como uma das prioridades a “mudança de regime” em Bagdá. Para tanto, foram iniciados e/ou retomados vários contatos com membros da oposição iraquiana. A nova estratégia norte-americana — idealizada pelos agora chamados de neo-conservadores, Richard Perle, Paul Wolfowitz e Donald Rumsfeld — partia do pressuposto de que qualquer nova iniciativa de paz no Oriente Médio, no ambiente lá existente no início de 2001, nasceria morta, devido à equação de forças em vigor. Segundo eles, os sistemas políticos nacionais autocráticos do mundo árabe tinham uma dinâmica necessariamente disfuncional para a paz. A única maneira viável seria alterar essa situação, fazendo surgirem regimes mais democráticos na região. Portanto, a solução do Iraque ajudaria a solução do Oriente Médio. Uma forte iniciativa norte-americana bem-sucedida alteraria a relação de forças em favor da paz.

As torres gêmeas e os seus impactos

Quando o atentado das torres gêmeas ocorreu,⁴ o mundo mudou de repente, especialmente para os norte-americanos. Todas as regras até então vigentes foram tornadas obsoletas instantaneamente. Novas regras — de convivência, de transporte, de comércio, de imigração, de arquitetura e engenharia, etc. — precisariam ser criadas, passando pelo filtro da segurança contra kamikazes muçulmanos. Todos os sistemas de segurança até então em vigência partiam do pressuposto de que o possível terrorista procuraria salvar a sua vida após o

⁴ Esse atentado foi apenas a segunda vez na História em que forças estrangeiras atacaram fisicamente o território norte-americano, a primeira tendo sido Pearl Harbor, no Hawaí, no ataque realizado pelos japoneses em 1942. Foi, portanto, a primeira vez que o território continental-americano foi efetivamente atacado. A reação ao primeiro foi finalizada com o uso de duas bombas atômicas. A crise dos mísseis nucleares em Cuba, em 1962, foi provocada pela ameaça de ataque nuclear ao território norte-americano. Não sabemos como esta vai terminar, mas, certamente, não será pela invasão do Iraque.

atentado. Só Israel conhecia o cotidiano desse novo mundo. O próprio Bin Laden gabou-se disso, alegando ter levado o horror do Oriente Médio à América.

A hiperpotência — como os franceses gostam de chamá-la — havia sido desafiada. Não por um Estado nacional ou qualquer “eixo” de Estados nacionais, mas por um inimigo invisível, potencialmente presente na sua vizinhança, disperso pelo mundo, com uma aparência ocidental inofensiva, mas com uma determinação e um ódio interior focados em infringir o maior número de mortos possível na sua ação suicida.

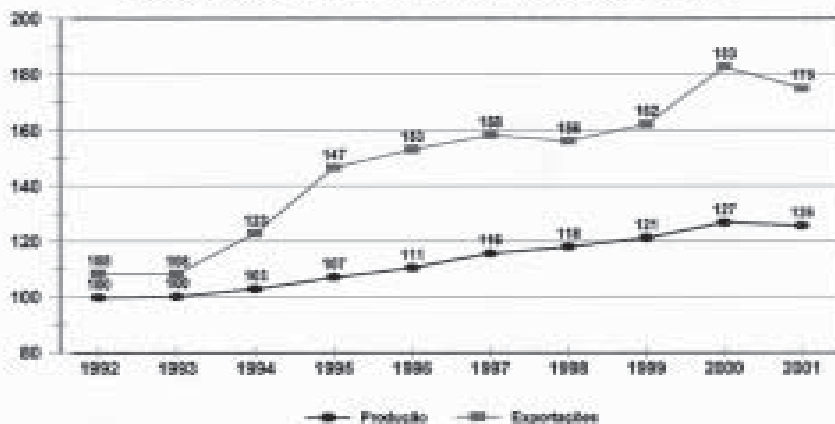
Em qualquer circunstância histórica, a primeira vítima do terrorismo é a liberdade em geral. As regras de segurança sobrepõem-se a tudo. Os direitos individuais são reduzidos. E isso, sem dúvida, passou a acontecer com a legislação e as ações repressivas desencadeadas depois do 11 de setembro de 2001. No plano econômico, o impacto foi brutal. Os vôos comerciais foram suspensos por vários dias e alguns aeroportos nunca voltaram a ter um tráfego comparável ao de antes.⁵ A aviação comercial no mundo inteiro, que já se encontrava em crise devido à recessão, aprofundou o seu problema, sendo raras as companhias aéreas, hoje, que não estejam à beira da falência e pedindo socorro financeiro aos seus governos. O turismo internacional também foi gravemente ferido. Em compensação, os fluxos de turismo doméstico por via terrestre foram reativados.

Segundo dados da OMC, mostrados nos Gráficos 3 e 4, as quedas ocorridas no comércio internacional em 2001 foram as maiores dos últimos 20 anos. O Gráfico 3 mostra que as quedas na produção e nas exportações mundiais de mercadorias, nesse ano, foram de 0,78% e de 4,37% respectivamente. Dentro do G-7, como mostra o Gráfico 4, o mais afetado foi o Japão, e o que menos sofreu, a Itália. O caso dos países do Mercosul, também mostrado no Gráfico 4, apresenta a particularidade de que eles já se encontravam numa crise de comércio desde 1999, devido à desvalorização do real. Mesmo assim, as quedas foram mais pronunciadas do que as verificadas nos anos anteriores, inclusive para o Brasil, em plena trajetória de ajuste externo.

⁵ Calcula-se que, desde aquela data, 3.000 aeronaves, nos EUA, foram postas fora de ação por motivos econômicos. A frota estimada de aeronaves no mundo inteiro, segundo estudo da Boeing, era de 15.271 unidades, esperando-se que ela crescesse para 32.495 unidades em 2021.

Gráfico 3

Produção e exportações mundiais de mercadorias — 1992-01

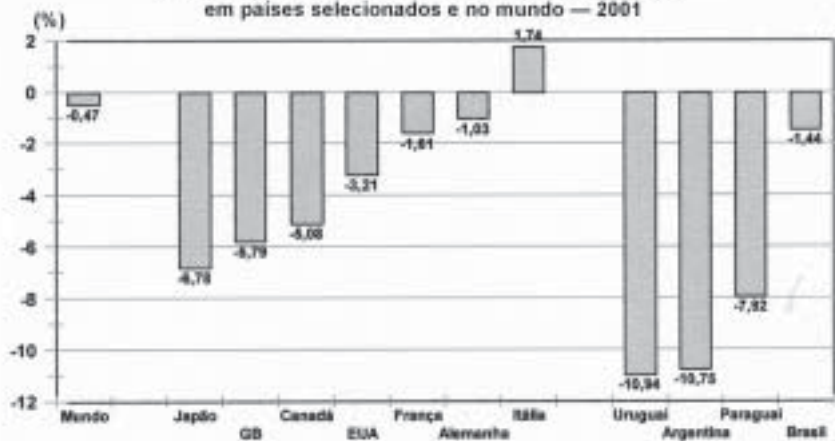


FONTE: Organização Mundial do Comércio (OMC).

NOTA: Os índices têm como base 1990 = 100.

Gráfico 4

Variação percentual a.a. das exportações de serviços em países selecionados e no mundo — 2001



FONTE: Organização Mundial do Comércio (OMC).

É difícil exagerar o impacto do atentado às torres gêmeas sobre a economia mundial. Não só os seus efeitos diretos sobre os fluxos internacionais de mercadorias, serviços e capitais devem ser computados, mas também os efeitos permanentes sobre os custos de transação em geral precisam ser levados em consideração. Na verdade, estes devem ter sido muito superiores aos possíveis efeitos derivados da introdução hipotética de um imposto de Tobin⁶, proposto pelos críticos da globalização. Isto porque o atentado atingiu o coração da globalização de uma forma muito mais poderosa que um acordo internacional pacífico o teria na forma de um novo tributo.

O impacto econômico da Guerra

O impacto macroeconômico potencial da Guerra pode ser analisado em dois aspectos relevantes. O mais importante seria o tipo de choque que ela poderia causar no mercado internacional do petróleo. Embora o Iraque seja a segunda reserva conhecida de petróleo, a sua produção recente equivalia a apenas 3,3% da oferta mundial, conforme pode ser observado na Tabela 3. Esse baixo nível é devido aos efeitos das guerras e da falta de investimento no setor. Além disso, segundo as restrições impostas pela ONU desde 1991, a maior parte de sua produção estava sob controle do programa Petróleo por Alimentos. Uma interrupção da produção iraquiana seria facilmente compensada por um aumento na oferta dos demais produtores. Em particular, a Arábia Saudita, o maior produtor e detentor das maiores reservas, já havia anunciado o seu compromisso de estabilizar a oferta mundial durante o conflito. Os maiores perigos potenciais nessa área residiam na possibilidade de Saddam (a) incapacitar os poços iraquianos através do mesmo recurso que usou nos poços do Kuwait em 1991, quando incendiou os mesmos, causando uma catástrofe ambiental e econômica, e (b) fazer o mesmo, através do uso de mísseis, em poços da Arábia Saudita e de outros produtores vizinhos. Também havia a possibilidade de, dependendo do desdobramento da Guerra, ocorrer um boicote árabe através do petróleo, tal como aconteceu em 1974. Segundo Perry (2001), um cenário composto pela ocorrência desses três elementos poderia implicar um aumento

⁶ O chamado Tobin tax foi uma proposta de James Tobin feita há muito tempo, com o propósito de “colocar areia” na mobilidade internacional do capital, a fim de reduzir a volatilidade das flutuações cambiais. Recentemente, essa proposta foi apropriada por alguns movimentos radicais antiglobalização, com os quais Tobin declarou publicamente que não concorda.

no preço do petróleo para US\$ 75,00 por barril, com conseqüências parecidas com as dos choques da década de 70. O pico do preço do petróleo bruto no passado foi de US\$ 52,50 (em dólares de 1996) por barril em 1981, após o início da guerra entre Irã e Iraque. Esse valor, em dólares de 2002, equivaleria a US\$ 60,10. A média histórica do preço no período 1947-98, em dólares de 2002, seria em torno de US\$ 22,00 por barril.

Mas o cenário acima descrito seria o pior de todos. Sabemos, agora, que apenas alguns poços foram incendiados no próprio Iraque, e a interrupção da produção iraquiana foi muito breve. Na verdade, na maioria dos cenários pré-guerra, devido à pequena produção iraquiana e à firme disposição anunciada da OPEP e dos demais países produtores de manterem a estabilidade da oferta, os impactos previsíveis eram mínimos.⁷

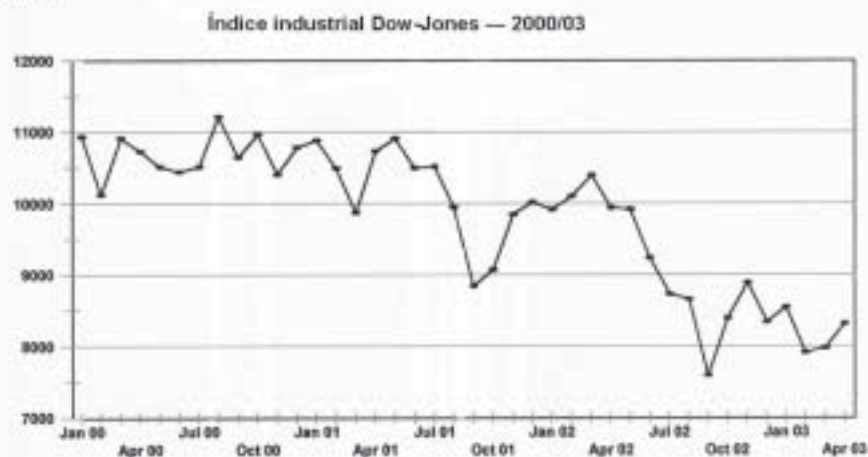
Um outro aspecto dos impactos macroeconômicos possíveis é constituído pelos efeitos da Guerra sobre a demanda agregada. Nesse caso, se, de um lado, um aumento de gastos militares pode provocar um efeito expansionista de curto prazo, como foram os casos da Segunda Guerra Mundial e da Guerra da Coréia, por outro lado, uma deterioração fiscal pode comprometer o desempenho futuro da economia, através de um aumento permanente da taxa de juros. No caso da primeira Guerra do Golfo, como pode ser observado nos Gráficos 1 e 2, a recessão praticamente começou com a guerra. Nesse caso, a economia acha-se saindo de uma recessão, no meio de uma recuperação que perde fôlego e sendo sujeita a uma sucessão de choques negativos. Uma das esperanças dos analistas otimistas com a guerra era a de que uma rápida solução do conflito dissiparia muito das incertezas que predominavam antes da mesma, paralisando os investimentos, e produziria uma retomada destes últimos. A reconstrução do Iraque atrairia muitos investimentos, e os possíveis efeitos estabilizadores na região gerariam um clima otimista.

O comportamento das Bolsas de Valores ao longo destes últimos meses parece corroborar essa visão otimista. Enquanto houve a expectativa de guerra e a realização da mesma, os seus desdobramentos comandaram as flutuações diárias dos índices, sendo perceptível que, quando se tornou clara a irreversibilidade do conflito, os índices reagiram positivamente. Uma vez encerrada a etapa militar, no entanto, as flutuações dos índices voltaram a refletir as informações econômicas normais. O Gráfico 5 mostra o comportamento do índice das *blue*

⁷ Depois das experiências da década de 70 e dos períodos posteriores, uma regra que os produtores tentam manter é que o preço do barril se situe numa faixa entre US\$ 20 e US\$ 30.

chips norte-americanas para médias mensais de fechamento. Ele permite visualizar o tamanho da queda provocada pela explosão da “bolha” a partir de 2000, além dos impactos causados pelo atentado às torres gêmeas — setembro de 2001 — e pelo início da perspectiva de guerra no Iraque e aumento da incerteza — setembro de 2002.

Gráfico 5



FONTE: Yahoo/Finance: New York Stock Exchange (NYSE).

NOTA: Médias mensais de fechamento.

No atual momento conjuntural — fim de abril de 2003 —, pode-se afirmar que (a) os piores cenários de antes da Guerra foram dissipados pela rapidez da vitória militar e pelo impacto quase insignificante sobre os preços do petróleo, mas que (b) resta ainda saber como vão se desdobrar a reconstrução do Iraque e as relações entre os EUA e os países europeus que se opuseram à Guerra, assim como as repercussões políticas no Oriente Médio. Um período aproximado de seis meses talvez esclareça essas questões. Isso implica que muita incerteza ainda perdurará no curto prazo.

A Guerra e as relações internacionais

Todo esse quadro analisado ocorreu em um período pós-Guerra Fria, em que os fundamentos das relações internacionais estão se alterando. De um

mundo bipolar, estamos ingressando em um mundo multipolar ou unipolar? Que clivagens predominarão nos alinhamentos dos países aos blocos e que blocos surgirão? Haverá um confronto de civilizações, como sugere Samuel P. Huntington (1996)? Todas estas são questões relevantes a que o tempo responderá. Mas algumas tendências já podemos visualizar. Certamente, o perigo de uma divisão entre muçulmanos e ocidentais encontra-se bem palpável na guerra contra o terrorismo e nos discursos fundamentalistas de ambos os lados.⁸ Mas também uma divisão no bloco ocidental ficou clara nos eventos recentes envolvendo a Guerra do Iraque. E essa divisão não surgiu por acaso; ela foi o prolongamento lógico de uma rivalidade crescente entre a União Européia e os Estados Unidos.⁹ Antes dessa divisão, as escaramuças de uma guerra comercial entre ambos já emergiram ao longo da década de 90, através de inúmeras pendências que foram parar na OMC. Além disso, as discordâncias entre ambos sobre o Protocolo de Kioto e a Corte Internacional Criminal aguçaram-se desde que W. Bush assumiu, sendo esse presidente norte-americano tão popular na Europa de hoje quanto Johnson o era na China da revolução cultural.

Essa cisão no bloco ocidental será posta à prova agora no modo pelo qual os EUA e a ONU se organizarão no esforço de reconstrução do Iraque. Um impasse não resolvido nessa questão terá conseqüências graves, aprofundando a divisão e acentuando os boicotes recíprocos ao consumo de produtos norte-americanos na Europa e de produtos europeus no mercado norte-americano. Rodadas sucessivas de retaliações comerciais teriam efeitos parecidos com os da época da grande depressão de 1929-33, quando a contração do comércio internacional provocada pelo aumento das barreiras tarifárias e das desvalorizações agressivas magnificou e multiplicou os choques negativos. Nesse cenário, as implicações políticas no Oriente Médio seriam, provavelmente, as piores possíveis.

O cenário extremo oposto — uma intervenção inteligente, eficaz e legítima sob os auspícios conjuntos da ONU e dos anglo-americanos em harmonia operacional e em parceria econômica — poderia gerar poderosas forças de de-

⁸ Bin Laden usa o termo “cruzados” para se referir aos seus inimigos, e o próprio W. Bush usou o termo “cruzada” em um de seus primeiros discursos depois da queda das torres gêmeas.

⁹ Além dessas relações conflituadas, em parte arrefecidas pela solidariedade pós-destruição das torres gêmeas, o grau de exposição física ao mundo muçulmano, seja pela menor distância em relação aos países de maioria islâmica, seja pela maior importância de populações dessa religião na Europa, desempenhou, certamente, um papel importante na diferente percepção dos perigos da Guerra do Iraque nesse continente.

mocratização, pacificação e crescimento econômico na região. Mas esse cenário é muito improvável, dadas as realidades atuais.

Algo intermediário deve prevalecer. De um lado, os interesses econômicos e as estratégias nacionais são muito fortes para serem abandonadas, mas, por outro lado, o que está em jogo é suficientemente importante para gerar algum arranjo pragmático que evite as piores consequências. Esse cenário intermediário deve gerar forças contraditórias tanto na política do Oriente Médio como na economia mundial.

Referências

CARSTENS, Roger D. A Marshall Plan for Iraq, **The Washington Times**, [S.l.: s.n.], 5 Aug., 2002.

CONGRESSIONAL BUDGET OFFICE. Estimated costs of a potential conflict with Iraq. Sept. 2002. Disponível em: www.cbo.gov

CORDESMAN, Anthony H. **Iraq's military capabilities in 2002**: a dynamic net assessment. (Center for Strategic and International Studies). [S.l.: s.n.], Sept. 2002.

HOUSE BUDGET COMMITTEE, DEMOCRATIC STAFF. **Assessing the cost of military action against Iraq**: using desert shield; desert storm as a basis for estimates, [S.l.: sn.], 23 Sept., 2002.

HUNTINGTON, Samuel P. **O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

MADDISON, Angus. **The world economy**: a millennial perspective. Paris: OECD, 2001.

NORDHAUS, William. The economic consequences of the war, **The New York Review of Books**, [S.l.: s.n.], 5 Dec., 2002.

O'HANLON, Michael E. Three Months to Baghdad. **The Washington Times**, [S.l.: s.n.], 30 Aug., 2002.

PERRY, George L. The war on terrorism, the world oil market and the US economy, 24 Oct., 2001. Disponível como: **Analysis Paper #7** em: www.brook.edu/views/papers/perry/20011024.htm